



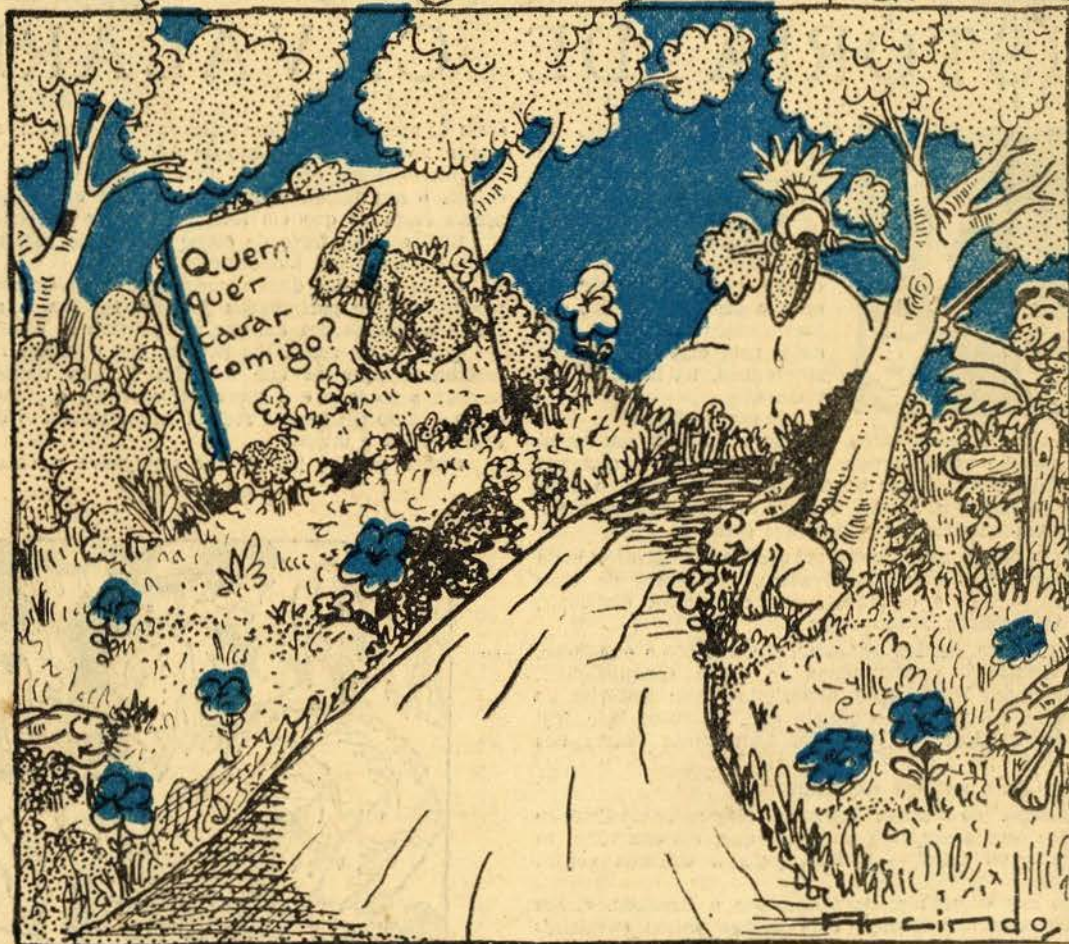
DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SEculo**

DE SANTA  
RITA

*Um Anão e dois Coelhos*



O caçador Caçatudo,  
logo ao romper da alvorada,  
partia à caça... comtudo,  
não caçava nunca nada.

Embora andassem aos centos,  
coelhos na redondeza,  
presentindo-o, aos quatro ventos,  
eis se punham na «pireza».

Mudando, então, de sistema,  
com seus recursos de artista,  
recorreu ao estratagema  
que em cima está bem à vista.

E atrás duma sebe, então,  
abate, de arma apontada,  
os pretendentes à mão  
da coelhinha pintada.





FERNANDA DE MATOS E SILVA (DYNETTE)

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

# HISTÓRIA DE CAVALARIA



ois pretendentes! — dizia, de si para si, a castelã de Montebelo, a linda e jovem condessinha Adozinda.

Sentada num tóscico banco de pedra, debaixo dum caramanchão florido com «rosas de tocar» cor de neve, a graciosa menina cismava, olhos sonhadores perdidos pela orla azulada das montanhas, na linha do horizonte.

E era verdade!

Descobrira, nessa tarde, quando voltava do seu costumado passeio caridoso pela aldeia, estendida a seus pés em minúsculas casinhas brancas, como um gracioso brinquedo de fada caprichosa, que era alvo do mesmo sentimento pulsando em dois diferentes corações.

Acompanhavam-na seus primos Rui e Alvaro, além dos págens habituais que levavam, nos cestos de vime dourado, o pão e os cereais que costumava distribuir, todas as semanas, pelos pobres.

O segundo, fidalgo alfaneiro, forte, nobre e orgulhoso, rosto branco e sereno, olhar de águia conquistadora, seguira a seu lado direito, divertindo-a com histórias de caçadas e de guerras, enquanto que, do outro lado, Rui caminhava silencioso, de olhos ternamente postos nos olhos dela.

Rui era a antítese de Alvaro.

Moreno, de grande estatura, elegante, mostrava-se calmo e sereno ante o entusiasmo que, em sua volta, se agitava, pela próxima partida para a Cruzada contra os infiéis.

No seu olhar límpido reflectia-se a bondade, e, em vez do orgulhoso desdém com que os outros cavaleiros olhavam os pobres vilões, ele ouvia-lhes as queixas e falava-lhes amigavelmente.

Adozinda notara os olhares de adoração que, embora diferentemente, brilhavam nos rostos dos dois enamorados cavaleiros, e, pensativamente, ficara triste com a idéa de ter que desgostar um deles.

Alvaro de Penha Negra era o seu preferido, o querido das damas e cavaleiros que frequentavam o castelo de seu pai, quasi o seu prometido.

Grande era a fama da sua valentia nos torneios e nas caçadas e bela a sua maneira de falar.

Tão bem jogava as armas como entretinha as damas e donzelas na hora íntima dos serões, contando romances e histórias de cavalaria, e, sempre que essas histórias

eram de amor, o seu olhar brilhava mais, fitando-se audazmente no rosto carminado de Adozinda.

Nas caçadas, segurava no seu punho, forte e musculoso, o seu falcão emplumado, e, nos torneios, as suas armas eram as que ele levava gravadas no seu escudo.

Rui, embora forte de corpo e vivo de espírito, que dava-se na sombra, modestamente.

O seu falar era doce e mauso como uma arágem suave passando sobre perfumados jardins, tal era a sensação calma e embaladora, em que mergulhava os corações.

Quando, ao serão, lhe pediam que contasse histórias, escolhia sempre as que levavam à alma daqueles que ouviam a piedade e o amor pelos fracos e pelos pobres e era exímio em recitar redondilhas e rimances de amor, com ternura e união.

Nunca caçava, porque lhe repugnava a cruel perse-



guição aos incautos animais, imolados sem piedade entre o clamor selvagem dos caçadores e o alarido dos cães raivosos e espumantes de ira. Preferia seguir ao lado de





sua prima, sempre pronto a ajudá-la no que fôsse preciso, pressuroso e delicado de maneiras e palavras.

Embora fôsses ambos igualmente belos, nobres e bons, Adozinda sentia a sua preferência inclinar-se para Alvaro, o valente e esforçado cavaleiro que inspirava, áqueles que o conheciam, segurança e admiração, dando bem a impressão da sua coragem e força.

\* \* \*

Repicavam festivamente os sinos da capela de Monte-Belo, regorgitante de fidalgos e de povo.

O altar-mór vergava de flôres e de luzes, todo branco, como donzela que vai noivar, e nas cadeiras armoriadas que ocupavam o lugar principal resplandeciam gibões de brocados raros e reluzentes armaduras.

Adozinda, toda de branco, um fino véu bordado sobre as tranças de compridos cabelos cor de ouro, ostentava no rosto, além duma palpitante palidez, uma expressão de ansiosa perturbação.

Seus olhos cor de mel, dourados e de ordinário risinhos, erguiam-se, suplicantes, para a augusta imagem do Redentor, que, do alto do seu lenho tóscico, envolvia os crentes num mesmo olhar de infinita doçura e sobre-humano amor.

Dias antes, seu pai recebera, quási a seguir, o pedido da mão da jovem castelã, pelos dois nobres pretendentes. Eram ambos igualmente ricos e dignos de se unirem à bela condessinha, e o pai, embaraçado, resolvera deixar a esta a livre escolha do que melhor lhe agradasse.

A missa ia no fim, recitada majestosamente pelo devoto capelão. No ar, rescendente a flôres e a incenso, erguiam-se as vozes cristalinas e puras dos meninos do coro, entoando as últimas orações, secundadas pela voz grave e triste do órgão, enquanto dos turibulos de prata marchetada de pedras preciosas subia, em espirais, o perfumado fumo.

A luz da madrugada, dourada pelos primeiros raios de sol, clareava as altas janelas ogivais de vitrais policromos, e o ar puro da montanha, impregnado pelo aroma dos campos em flor, entrava, em doces lufadas, pelos lados do reposteiro, de cintilantes bordaduras, que tapava a entrada principal.

No ar, andava como que pairando a fervorosa fé, esperanças risinhas de vitória e pungente ansiedade, e em todos os corações pulsava a mesma idéa, ao mesmo tempo triste e altiva: ou aqueles que iam partir voltariam cobertos de glória, ou ficariam pelas terras longínquas de infieis, morrendo pela sua fé e pela grandeza da Pátria.

Depois da missa, partiriam os Cruzados, e, entre eles, seu pai e seus primos Rui e Alvaro.

Um deles deveria levar no dedo metade do seu anel, uma aliança formada por dois aros de ouro, unidos por um coração dum só rubi.

A qual deles entregar o penhor do seu coração, o prêmio da sua valentia?

Seu coração, parcialmente, segredava-lhe que fôsse Alvaro o escolhido, mas, por justiça, tanto deveria levá-lo um como outro, pois ambos mereciam a sua afeição.

De olhos postos na cruz, Adozinda suplicava uma inspiração e, subitamente, uma serenidade imensa desceu à sua alma, como uma gota de orvalho sob a flor sequiosa, e essa feliz idéa trouxe-lhe ao olhar triste uma résteca de esperança.

Abençoava o padre, mãos erguidas sobre as cabeças inclinadas na sua frente, os heroicos batalhadores da fé, que em breve iriam combater os mouros, com a valorosa coragem dos justos, e pedia a Deus que sobre as cabeças inclinadas descesse a graça dum seu piedoso olhar, para com ele trazer aos cavaleiros a certeza de gloriosa vitória.

Repicaram novamente os sinos. Do coro despenharam-se, sobre os combatentes, catadupas de pétalas perfumadas, enquanto no órgão majestoso hino subia aos céus em ondas de harmonia.

Então, de Adozinda, erecta no meio da passadeira de veludo escarlate que se estendia até à porta da capela, dois cavaleiros se aproximaram, elegantes nas cotas de malha e arnezes cinzelados, ambos ansiosos e pálidos.

Mas Adozinda, em vez de escolher um de entre eles, estendeu a ambos um aro de ouro.

O pai adiantou-se, cheio de pasmo e admiração, mas sorriu-lhe ternamente, ao ouvir as palavras que, em doce voz, dirigiu aos dois apaixonados.

(Continua na página 6)





EITADA, durante trinta horas, na trincheira, á beira do pinhal dos Voges, a companhia tinha sofrido as investidas furiosas dos canhões alemães, que vomitavam fogo, numa trovoadá ensurdecadora.

Mas ninguém desanimava. Debáixo

do sibilar das balas, no meio do furacão das bombas, o bom humor era sempre o mesmo.

— Olá da direita! Cuidado com a chuva!...

— Atenção á esquerda! Vem por esse lado!...

E, com o ventre arrimado ao chão e a cara tão perto da terra, para a encostar á espingarda, que os seixos e as silvas chegavam a arranhá-lo, um rapazito de Clichy, chamado Fleury, continuava a escarnecer, vendo vir os obuzes:

— Agachem-se! Ai vêm as ameixas!

Depois, dando ao gatilho da espingarda, dizia:

— Lá vai para o primeiro!

E fazia bem a diligência para que a sua bala não fôsse perdida.

\* \* \*

Tinha só dezoito anos. Mas, ao ver os companheiros irem para a guerra como para uma festa,



Tradução dum conto francês por **UINTINO LUIZ MADEIRA RAMOS**

A MEU IRMÃO VICTOR MADEIRA RAMOS JUNIOR

o ter assistido á passagem dos primeiros comboios que os levavam, com tantas ovações e entusiasmo, para a fronteira, dera-lhe volta ao coração. Nada o pudera sustar na oficina.

Então ele havia de continuar a trabalhar de marceneiro, quando os seus companheiros iam bater-se pela pátria?! Não podia ser! Também queria vestir a calça vermelha e participar, com eles, das lutas e dos perigos. E não se demorara muito a pensar no caso.

A mãe, a muito custo, deu-lhe o seu consentimento, e ele, cheio de alegria, foi logo alistar-se nas fileiras. Logo ao primeiro ataque, uma bala atravessou-lhe o pulso esquerdo. Mas fizeram-lhe um curativo rápido na ambulância e tornou logo para o seu posto de combate. E por certo que a ferida não o incomodava, porque atirava destemidamente sobre o inimigo.

Parecia que estava a atirar ao alvo na festa de Montmartre, para ganhar um prémio.

A artilharia francesa tinha removido todas as dificuldades. Levantaram-se, de um salto, para

continuar a marcha para a frente. Electrisados pela voz do oficial, todos á uma, num impulso, tinham transposto, sem medo, os obstáculos que se lhes apresentavam no caminho.

— Vamos, rapazes!... Façam mais um esforço e chegaremos lá!

Efectivamente, depois de terem andado menos de um quilómetro, pararam, para descansar um pouco, e o tenente agrupou, ao pé de uma matilha, o resto da companhia.

Pisavam, finalmente, o solo da Alsácia!

Foi uma alegria doida! Alguns abraçavam-se; dansavam e faziam com as espingardas o sarilho que os tambores-móres costumavam executar. Outros arrancavam folhas para enfeitar as armas ou colhiam flôres dos campos para mandar ás famílias, quando tivessem tempo para lhes escrever.

Mas o rapazito tinha imaginado outra maneira de manifestar a sua alegria. Deitado, de bruços, no chão, com o képi voltado para trás, roia a erva! Conforme a sua expressão, banqueteara-se e não tomava fôlego senão para dizer:

— Ah! que bom prato de azedas!... Só faltam aqui os ovos cozidos!

Enquanto os soldados se entregavam a estas demonstrações de alegria, um deles, antes de pensar em comer, aventou a idéa de que, para sancionar a posse daquele terreno (recanto de terra) conquistado, se deveriam arvorar ali, immediatamente, as côres nacionais.

O entusiasmo redobrou.

Ouviu-se gritar de todos os lados:

— Uma bandeira!... Uma bandeira!...

Mas onde se havia de encontrar?

Um deles, mais desembaraçado, acabou com as hesitações, dizendo:

— Faz-se uma!

— Com quê?

O homem ficou como sufocado pela pergunta! Escarninho e quasi desdenhoso, repetiu:

— Com quê?

E, com um gesto rápido, tirou a gravata e disse, apresentando o bocado de fazenda azul:

— Primeiro com isto!

Depois, tirando um lenço do sacco, acrescentou:

— Isto é para a côr branca.

Pegaram nos dois bocados. Entretanto, um dos soldados tinha cortado um ramo de árvore e, num abrir e fechar de olhos, os dois bocados de pano foram postos naquele páu de bandeira improvisado.

Agora só faltava o vermelho.

Todos tiveram a mesma idéa:

— Um bocado de umas calças!

Mas, como todos hesitavam em rasgar as suas, ouviu-se a voz do pequeno marceneiro. O rapazito, a distância, tinha acompanhado toda aquela cena. Despeitado por não ter sido o primeiro que tivera aquela idéa da bandeira, aproximou-se do grupo e perguntou:

(Conclue na página 8)





— Não posso escolher entre vós, nobres cavaleiros e primos meus! E Deus Nosso Senhor, apiedado da minha ansiedade, iluminou-me o espírito, ditando-me o que devia fazer.

Então, depois de os olhar a ambos com igual ternura, exclamou, entregando a cada um metade do seu anel, dizendo:

— Levei ambos metade deste anel, como penhor da minha palavra, e aquele que, em mais altos feitos, levantar o esplendor de Deus, Redentor nosso, será o meu senhor!

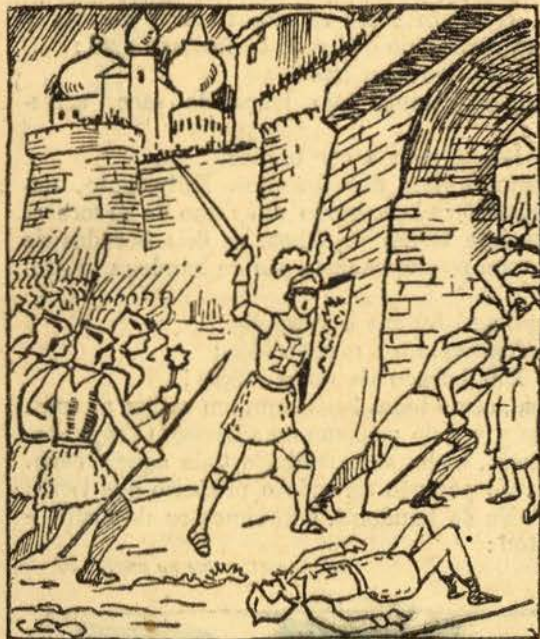
Destacando do aro, que coubera a Alvaro, o coração de rubi, disse, sorrindo divinamente:

— Não quero que um de vós leve vantagem sobre o outro. O meu coração ficará comigo e irá com ambos e só ao vencedor o entregarei!

Um rumor aprovativo de vozes ergueu-se, discreto, à sua volta, e ambos os cavaleiros, curvando-se, beijaram-lhe a mão que lealmente lhes dera ensejo de a merecer.

\* \* \*

Meia hora depois, sob os dourados raios dum esplendoroso sol, as armaduras, lanças, achas de armas, chis-



pavam fogo no terreiro areado em frente da ponte levadiça, descida por sobre um rio caudaloso e inquieto.

As hostes de cavaleiros, com os seus comandantes à frente, desfaldavam os seus estandartes brasonados e, logo à frente de todos, o do Monte-Belo, ladeados dos de Penha Negra e Riba Flôr. Atraz da cavalaria, sumptuosa, bem montada e armada, seguia-se o exército dos homens de armas e vilões, menos brilhantes, sem aparato, mas não menos valerosos e entusiasmados.

Uma algazarra imensa erguia-se nos ares; gritos, lamentações e lágrimas.

A' volta dos guerreiros enfileirados já, as mulheres, as mãs, noivas e filhas, a pequenada barulhenta e os velhos avós e pais, andavam anciosos e orgulhosos, pois se era um perigo ir batalhar, também era uma honra e, embora estalasse o coração de dôr, a boca fazia por sorrir.

Sob um docel de sêda côr de púrpura, franjado de ouro, a gentil e triste Adozinda despedia-se do pai e de seus primos.

Seus olhos razos de água, punham-se ora sobre o rosto emoldurado de cabelos de neve que lhe sorria corajoso e comovido, ora nas cabeças loura e morena que se curvavam para si.

Com maneiras apaixonadas, infantis, apertou mui-

tas vezes o pai contra o seu peito, beijando-lhe, chorando e rindo, o rosto pálido e severo.

Depois, acercando-se dos braços fortes e ternos do autor dos seus dias, estendeu ambas as mãos, uma a



cada um dos enamorados cavaleiros que esperavam a sua vez para se despedirem.

Seus olhos, sem querer, demoraram-se mais no rosto altivo e ardente de Alvaro, mas logo os desviou para o meigo e nobre Rui, sempre acanhado e silencioso.

(Continua no próximo número)

## Galeria de Honra

Publicando o retrato da Senhora D. Fernanda de Matos e Silva, prestamos a devida homenagem a tão distinta colaboradora que inicia hoje uma interessante novela e que, sob o pseudónimo de «Dynette» tão lindos contos tem firmado no nosso suplemento.

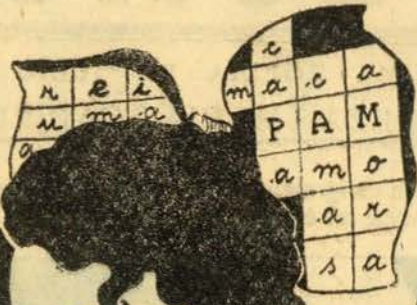




# HORA DE RECREIO

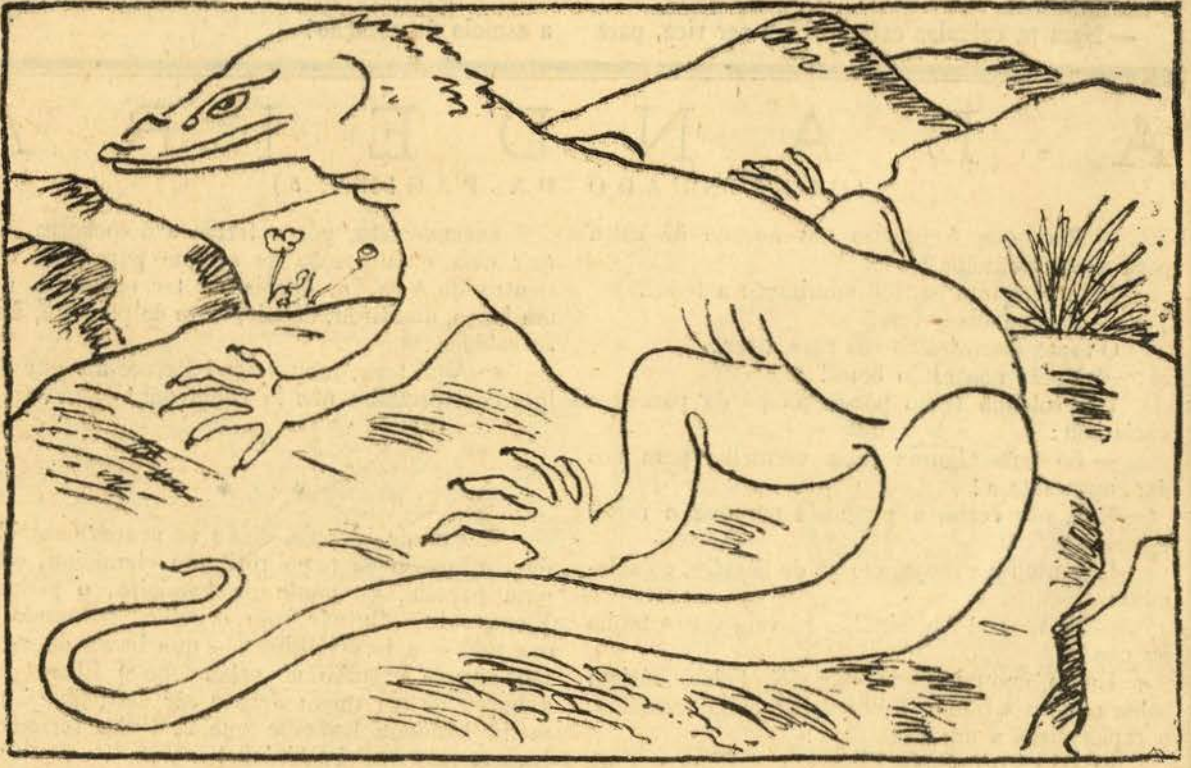
PALA-  
VRAS  
CRUZA-  
DAS

SOLUÇÃO  
DO NÚMERO  
ANTERIOR



*Morenita*

## PARA OS MENINOS COLORIREM





# A ESMOLA

(DUMA POESIA DE JULIO DINIZ)

Por TEREZA MARIA CAEIRO ROGADO

S ENTADA nos degraus da porta da igreja, estava, havia bastante tempo, uma miseranda velha estendendo a mão á caridade pública, sem que, ao menos, a esmola de um olhar compadecido, lhe viesse aliviar a sua tão grande tristeza.

No jardim, em frente, duas pequenitas brincavam: uma, a menina rica, com os seus lindos e caros brinquedos, outra, a pobre, com uma bonequita de trapos, bastante estragada já.

Saindo do jardim, as duas a par, a menina rica depára com a velhinha, e, atirando-lhe uma moeda, volta-se para a menina pobre e diz-lhe assim:

— Nem tu calculas como é bom ser rica, para a esmola do coração!

dar esmola quando se quere! Tu és pobre, o que há-de dar?



— Eu não posso dar nada — disse a pòbrezinha, mas, encaminhando-se para a mendiga, ajoelha e beija-lhe as mãos, com os olhos rasos de lágrimas. Então a mendiga, levantando-a, agradece-lhe, muito comovida, dizendo:

— Obrigada, filha, obrigada pela tua consolação. A ti agradeço-te, porque me deste com que matar a fome, mas a ti, ainda te agradeço muito mais, porque vejo o teu coraçãozinho de ouro, que não tendo nada para me dar me dá mais que todas as riquezas, porque é a esmola do alívio,

# A B A N D E I R A

(CONTINUADO DA PÁGINA 5)

— Para que é preciso um bocado de calça para a còr vermelha?

Esta pergunta causou admiração a todos.

— Porque dizes isso?

O rapaz engrossou a voz para dizer:

— Vocês não estão bons!

Um soldado velho pôs-se ao pé da parede e exclamou:

— Se tens alguma coisa vermelha para nos dar, apresenta-a!

— Era, por certo, a pergunta por que o rapaz esperava.

Levantou a cabeça, em ar de desafio, e exclamou:

— Se tenho! Ah, sim!... Já vais ver se tenho ou não!

Então, enquanto em redor dèle todos queriam saber onde iria buscar o bocado de pano vermelho, o rapaz disse a um camarada:

— Dá cá o teu kèpi!

Dizendo isto, pôs a ferida a descoberto. Fez sair dela uma porção de sangue puro, que caiu dentro do kèpi, e, depois de ter ensopado nêle um lenço, que tirou, depois, tinto de púrpura, disse ao soldado:

— Aqui tens, meu velho! Parece-me que melhor còr vermelha não te podia dar!

\*

\* \*

E quando, depois, sôbre as armas ensarilhadas, o bocado de pano rutilante chamejou, como uma papoila, na ponta da bandeira, o pequeno Flenry viu-o flutuar com orgulho, pensando na sua mãe — a boa velhinha — que havia de sentir um grande orgulho ao saber que o filho tivera a honra de ser quem dera a còr vermelha á primeira bandeira francesa que se tinha tornado a hastear na terra da Alsácia!